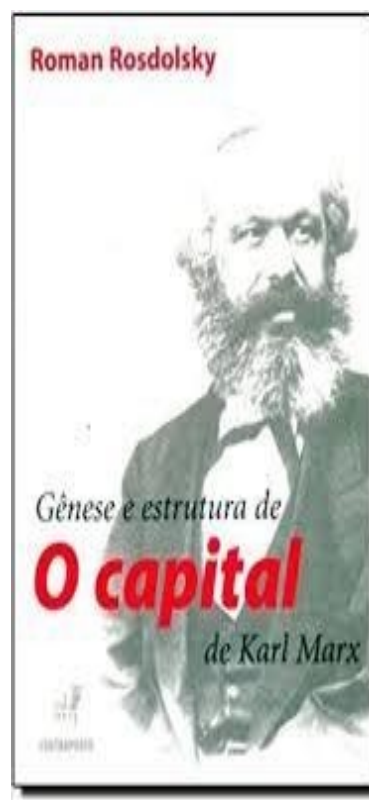


SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 09 – 05.11.2022

**PARTE III – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE
PRODUÇÃO [DO CAPITAL] (continuação)**

**Capítulo 19 – O processo de reprodução e a inversão da
lei de apropriação**

**Capítulo 20 – A acumulação primitiva e a acumulação
de capitais**

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 09 (publicado em 05.11.2022)

PARTE III – SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO [DO CAPITAL]
(continuação)

Capítulo 19 – O processo de reprodução e a inversão da lei de apropriação [3](#)

Capítulo 20 – A acumulação primitiva e a acumulação de capitais [13](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [21](#)

FOLHETO Nº 09

PARTE III – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO [DO CAPITAL] (continuação)

Capítulo 19 – O processo de reprodução [de capital] e a inversão da lei de apropriação¹

Roman Rosdolsky esclarece que até o momento a análise do capital foi considerada apenas sob o ponto de vista da sua “gênese”, de seu “devir²”. Não foi enfocado “o fluxo constante de sua renovação, de sua reprodução”, mas tão só o fluxo de sua criação e produção.³

Segundo afirma o próprio Karl Marx, embora tenha examinado primeiramente, conforme reproduzimos a partir do Folheto nº 06 deste artigo, o processo de produção do capital e seus pressupostos econômicos – mercadoria, valor e dinheiro – (surgidos “de fora para dentro [...] como pressupostos exteriores”⁴), a simples repetição, o prosseguimento desse processo de produção, imprime a si mesmo “características novas”, fazendo “desaparecer algumas características aparentes que ele apresentava quando

1 De acordo com o próprio Roman Rosdolsky, no capítulo dezenove de “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx” a correspondência do tema com a organização adotada nos *Grundrisse* “se torna impossível”, já que seu conteúdo é tratado nesses manuscritos de 1857/1858 de forma dispersa (in ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2011, p. 201).

Assim como ocorreu em vários capítulos dos Folhetos anteriores, na explanação do capítulo em foco Rosdolsky não se limita aos *Grundrisse*, recorrendo igualmente a obras posteriores de Marx, sobretudo *O capital*. Quando tal fato ocorrer faremos a devida menção.

Roman afirma em uma observação de pé de página (Idem, p. 217), especificamente sobre o tema da “reprodução do capital”, que as versões da obra maior marxiana e dos manuscritos de 1857/1858 “diferem especialmente pelo fato de que em *O capital* o problema [da reprodução do capital, digo eu] é investigado a partir do ponto de vista da reprodução simples [que ocorre, esclarecemos, quando parte da mais-valia (denominada de ‘rendimento’ do capital original) ‘serve ao capitalista apenas como fundo de consumo’, sendo consumida tão periodicamente quanto é ganha (in MARX, Karl Heinrich. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 642)] e só depois aparece o contexto da reprodução ampliada [ou acumulação do capital, que ocorre, frisamos, ‘quando o capitalista, não consumindo toda a mais-valia de que se apropria, consagra parte da mesma à produção e a transforma em capital complementar [reaplicando-a no processo produtivo, digo eu]’ (in LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital. Manual de Economia Política**. Livro oitavo: A acumulação do capital e a reprodução das relações capitalistas. Capítulo XVIII - Noção geral da reprodução. 101 - A reprodução capitalista. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/18-04.htm>. Consultado em 03.11.2022)]”. Nos *Grundrisse* só encontramos a análise da reprodução ampliada do capital (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 217).

2 De acordo com o Site Wikipedia (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>. Consultado em 14.10.2022), *Devir* (do latim *devenire*, tornar-se, transformar-se, devenir, vir a ser) “é um conceito filosófico que indica as mudanças pelas quais passam as coisas [um processo, um ‘fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes’, acrescentamos (Disponível em https://www.bing.com/search?q=devir&cvid=20d4ac9bda814c08968e70a030a5422b&aqs=edge.0.0l8j69i60.1510j0j1&pqlt=515&FORM=ANN_TAI&PC=LCTS&ntref=1. Consultado em 14.10.2022)]”.

3 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 217 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

4 Quando se fala, neste primeiro momento, de “pressupostos exteriores do capital”, “surgidos de fora para dentro”, significa dizer que tais elementos ainda não eram analisados como que emergindo “[...] da sua natureza interna, [...] a partir do próprio capital”, o que só ocorreria em um momento seguinte da investigação marxiana (Ibidem, p. 217).

isolado”⁵. Quando se passa a visualizar o capital que se forma dentro do processo de sua reprodução, tais pressupostos aparecem “como momentos do movimento do próprio capital [...], seja qual for sua gênese histórica”.

Rosdolsky esclarece, citando Marx, que “do ponto de vista da investigação realizada até aqui”, supôs-se que “antes de ingressar no mercado como comprador de força de trabalho e de meios de produção, ‘o capitalista e proprietário se convertera em possuidor do dinheiro graças a alguma forma de **acumulação primitiva** que teve lugar independentemente da exploração de trabalho alheio não pago [mais-trabalho, digo eu]” (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso). Ou seja, antes de apropriar-se do trabalho alheio, ainda durante o processo de desenvolvimento das formas pré-capitalistas, o capitalista que surge daí já possui as condições materiais para tanto (dinheiro); condições estas, afirma o filósofo alemão, “[...] que não tiveram origem nem em seu intercâmbio com o trabalho vivo nem em seu comportamento como capital [como capitalista, digo eu] diante do trabalho [do trabalhador, digo eu novamente]”⁶.

É necessário perceber, o que não fazem os economistas burgueses, “que a acumulação de capital, que precedeu o trabalho e não teve origem nele, integra as condições que são ‘etapas históricas anteriores de seu devir, assim como os processos pelos quais a Terra passou, desde um amálgama de fogo e vapores até sua forma atual, se situam aquém de sua existência acabada como Terra’”. Como bem evidencia Marx diretamente, “[...] É claro que capitalistas individuais sempre podem surgir graças ao entesouramento. [...] Mas o tesouro não se converte em capital, a não ser mediante a exploração do trabalho”.⁷

Fazendo referência ao *O capital* (Livro I), Roman Rosdolsky assinala que para Marx “[...] as tentativas dos apologistas de defender que ‘o eterno direito do capital aos frutos do trabalho alheio’ tem origem na ‘propriedade do trabalho’ e nas ‘simples e ‘justas’ leis de intercâmbio de equivalentes’”, devem “ser relegadas à condição de fábulas [...]”. A seguir, Roman traz a argumentação que lastreia a correção da afirmação marxiana, principalmente “[...] se levarmos em conta o processo de reprodução do capital, em vez de enfocarmos um processo isolado de produção”.

Vimos alhures, como resultado do processo de produção do capital,

5 Trecho extraído por Roman do Livro I d’*O capital* (Ibidem, p. 543 Nota 1).

6 De acordo com nosso pensador ucraniano, sempre com Marx, é nesse tipo de acumulação primitiva que os “economistas burgueses se agarram [...] para afirmar que a valorização do capital, que consiste em apropriação de trabalho não pago [mais-trabalho, digo eu], está ‘em harmonia com as leis gerais da propriedade, tal como elas são proclamadas pela própria sociedade capitalista’. Eles dizem: independentemente de como as coisas ocorrem hoje, os capitalistas ganharam seu capital ‘trabalhando’; logo, é natural que reclamem uma recompensa pelos ‘serviços produtivos’ que este capital presta”. Todavia, Rosdolsky continua, “Esse argumento apresenta várias falhas”. Sabe-se que a origem do capital “se baseou em saques (por exemplo, a expropriação de camponeses), trapaças, dominações, em suma, violências e todo tipo de procedimentos que nada têm a ver com o método pacífico de acumular o que se ‘ganha trabalhando’. (Se o capitalismo se [sic] tivesse limitado a métodos pacíficos, ainda não teria saído da infância)”. Além do mais, os economistas burgueses confundem e misturam “as condições do devir do capital com ‘as condições de sua realização atual. Confundem os momentos em que o capitalista pratica a apropriação como um não capitalista – porque ainda não se tornou propriamente capitalista – com as condições nas quais ele pratica a apropriação como capitalista” (Ibidem, p. 217 e 218).

7 Ibidem, p. 218 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes). Sobre “entesouramento”, uma das funções históricas do dinheiro, tratamos no [Folheto nº 05](#), subitem “C.1. O dinheiro como tesouro”.

que “o capitalista se apropria de mais-trabalho, que existe em primeiro lugar sob a forma de mais-produto”, e que por isso deve ser transformado em dinheiro no processo de circulação (quando da revenda pelo capitalista do mais-produto ou mercadoria adquirida)⁸. Da realização do mais-produto (sua venda ou transformação em dinheiro) Marx somente trata na seção seguinte dos *Grundrisse* (“Segunda Seção: O processo de circulação do capital”). No presente capítulo dezenove, portanto, o pensador ucraniano supõe, como ele mesmo afirma, “que o capitalista consegue passar adiante sua mercadoria, e que a vende por seu valor”. Desse modo, “a mais-valia se realiza”, convertendo-se em dinheiro.

Em sendo assim, este dinheiro, Marx alerta, “já é agora *em si capital*” (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso) e, como capital, é “**mando sobre novo trabalho**” (grifo nosso). Agora, “[...]. Também este novo capital (que Marx chama de ‘**capital excedente**’ ou ‘**capital adicional**’, para distingui-lo do capital original, do qual é fruto)”⁹ (grifo nosso), diz Rosdolsky, retorna ao processo de produção para valorizar-se sem a necessidade de novo intercâmbio com o trabalho – movimento que o autor dos *Grundrisse* identificou como **processo de reprodução do capital original**. Sob essa nova condição, como capital que se reproduz, que cria valor a mais, as premissas presentes no processo de produção do capital são substituídas por outras, a saber:¹⁰

- a) **Capital adicional como mais-valia capitalizada**: o capital adicional, desde sua origem, “não contém nem um só átomo de valor que não decorra de trabalho alheio não pago [mais-trabalho, digo eu]”¹¹, prescreve Karl Marx. “Em consequência, as formas específicas que deve assumir para valorizar-se mais uma vez – a saber, as de capital constante e de capital variável¹² – também são formas específicas do mais-trabalho”, Rosdolsky acrescenta. Na investigação do ato original de produção, avança o autor de *Gênese*, a ação do capital original aparentava “tornar disponíveis as condições objetivas da produção” – meios de produção e meios de vida para os trabalhadores –, “em quantidades”, descreve Marx, “que possibilitassem a realização do trabalho vivo não só como trabalho necessário, mas como mais-trabalho”. Agora, desaparecendo essa aparência, quem desempenha efetivamente esse papel é a **mais-valia capitalizada** (abstraindo-se, ou descontando, evidentemente, “a parte da mais-valia consumida pelo próprio capitalista” para seu desfrute¹³). Por certo, o alemão continua, “desapareceu a aparência [...] de que o capital, a partir

8 Conforme subitem “[A divisão manufatureira do trabalho](#)”, item “C” do Folheto nº 08.

9 Capital original é o dinheiro inicialmente aplicado no processo produtivo. A realização desse capital original cria um novo capital, o capital adicional ou excedente ou, ainda, mais-valia capitalizada.

10 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 218 e 219.

11 Frase extraída por Rosdolsky do Livro I d’*O capital* (Idem, p. 543 Nota 10).

12 Conforme Folheto nº 07, página [41](#).

13 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 543 Nota 11.

da circulação, produz algum valor”.¹⁴ Efetivamente, **a mais-valia é criada fora da circulação mas é dentro da circulação que ela se realiza**¹⁵. Fora da circulação existe apenas em potência.¹⁶ A mercadoria, o valor, o dinheiro, “[...] *elementos que se contrapunham à força viva de trabalho como poderes alheios, exteriores [...], estão colocados agora como seu próprio produto e seu resultado*” (grifo do autor) – como produto e resultado da mais-valia capitalizada.¹⁷

- b) **Separação absoluta entre propriedade e trabalho como produto do próprio trabalho:** até o momento, de acordo com Rosdolsky, “era possível supor que o capital se convertia em um poder que dominava o trabalho graças, precisamente, à ‘acumulação primitiva’ [conforme Nota 8 supra] realizada por seu proprietário”. Porém, quando se considera “o ciclo do capital adicional, ou seja, o **processo de reprodução** [do capital original, digo eu]”, tal “ilusão desaparece [...]”. Doravante, “a força de trabalho se defronta com condições objetivas de produção [os meios de produção, digo eu novamente] que ela mesma criou [no próprio processo de produção, digo eu] e que assumem a forma de capital, de modo que o processo de realização do trabalho se converte simultaneamente no processo de sua desrealização”¹⁸. Ainda com Roman, citando Marx, “dentro do processo produtivo, a força de trabalho ‘não apenas produz as condições do trabalho necessário como condições que pertencem ao capital [isto é, para realizar trabalho necessário, pelo qual recebe salário com vistas à sua subsistência como trabalhador, necessariamente tem que realizar trabalho não pago para o capitalista (mais-trabalho), digo eu mais uma vez]; também a possibilidade de criação de valor, a valorização que existe nela como possibilidade, agora existe como mais-valia, mais-produto, em uma palavra, como capital””. No caso, K. Marx arremata: “[...] O trabalhador não só produziu a riqueza alheia e a própria pobreza, mas também a relação entre essa riqueza [...] e ele mesmo como pobreza”, ou, como diz Roman, produziu “**a relação do capital**” (grifo nosso). Ao mesmo

14 Idem, p. 219.

15 Doravante, no processo de reprodução do capital, a mais-valia capitalizada faz as vezes do capital original, produzindo mais mais-valia e assim sucessivamente.

16 Site Edisciplinas USP. **O capital – Crítica da Economia Política. Capítulo 4. Transformação do dinheiro em capital.** Aula 21. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2249205/mod_resource/content/1/aula-21-marx-o-capital.pdf. Consultado em 14.10.2022. Recomendamos a leitura do resumo em referência, que muito bem elucida o abordado.

17 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 219.

18 Nessa passagem dos *Grundrisse* propriamente ditos, Roman identifica mais uma vez a presença do pensamento de Hegel no desenvolvimento da investigação marxiana: o trabalho como realidade própria (do trabalhador) e realidade alheia (do capitalista). Uma “[...] realidade alienada, que não lhe pertence para si, mas como mero ser para outro e, portanto, como ser-de-outro-modo, ou ser do outro, oposto a si mesmo” (Idem, p. 544 Nota 14).

tempo que produz riqueza para o capitalista o trabalhador produz a própria pobreza.¹⁹ Trata-se, portanto, de uma “**relação social**” (grifo nosso) como resultado do processo capitalista de produção/reprodução, algo “ainda mais significativo [...] do que seus resultados materiais [mercadorias, digo eu]”, qual seja: a *produção de capitalistas e de trabalhadores assalariados*, prescreve Marx nos *Grundrisse*. Para o filósofo alemão, o que se tem aqui então é “*um produto fundamental do processo de valorização do capital*” (grifo do autor). Isso mesmo. E a economia como vista no dia a dia “se esquece disso completamente”, exclama Rosdolsky, “só visualiza as coisas produzidas”.²⁰

O capital, agora “pronto e acabado”, como algo que existe, ensina Karl Marx, “[...]. Já não precisa de pressupostos [externos, digo eu] para se desenvolver; ele mesmo está pressuposto; partindo de si, cria os pressupostos de sua conservação e crescimento”.

Derivado do capital original de produção, que em parte, deduzida a parcela para consumo próprio, é trocado formalmente pela força viva de trabalho (e também por trabalho morto (meios de produção))²¹, forma-se o que Marx nominou

19 Ibidem, p. 219. A passagem do parágrafo em Nota também foi extraída por Roman do Livro I da obra magna marxiana (Ibidem, p. 544 Nota 15). Como consta no referido Livro I, de acordo com o conteúdo da Nota 15 citada, o processo capitalista de produção como processo de reprodução (em sua interdependência) “não só produz mercadorias, não só produz mais-valia, mas produz e reproduz a própria *relação capitalista*: de um lado o *capitalista*, de outro o *assalariado*” (grifo do autor).

20 Ibidem, p. 219 c/c p. 544 Nota 16.

21 Tratemos sucintamente dos tipos de trabalho mencionados no parágrafo em Nota: *trabalho vivo e trabalho morto*. Mas antes, comecemos pela definição de *trabalho objetivado*, também bastante mencionado neste Folheto: “O trabalho é uma atividade processual de objetivação. Logo, pode-se afirmar que é um processo de objetivação em que há transformação. Nele, *alguma coisa é transformada em outra coisa e, no final do processo, o trabalho aparece objetivado*. Ou seja, aquilo que era potência se objetiva. Com efeito, ‘o trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado’. Aquilo que aparecia como movimento, como processo, se manifesta ‘como qualidade imóvel, na forma do ser’ [o produto (mercadoria/serviço) final do trabalho realizado, digo eu]. Mas ‘há uma diferença entre o produto do trabalho e o processo de trabalho. No produto o processo está extinto. Isso não significa que o trabalho tenha desaparecido. Ele se objetivou. No processo de trabalho, por meio da objetivação, o ser humano atua e transforma uma ideiação prévia’. O importante, para Marx, porém, não é o resultado da objetivação *per se*. O centro do trabalho é o processo de objetivação” (grifo nosso) (in PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248&%3A~%3Atext=Logo%2C%20pode-se%20afirmar%20que%20se%20incorporou%20a%20seu%20objeto. Consultado em 07.12.2020). Sobre o *trabalho vivo* vamos ao que dispõe Karl Marx na obra *Contribuição [ou Para a] crítica da economia política* (1859), na interpretação de Eric Hamraoui. Nela, Marx “define o trabalho como ‘atividade útil para a apropriação das matérias naturais sob uma ou outra forma’”, sendo “definível ao mesmo tempo como ‘condição natural da existência do homem’ e ‘condição das trocas orgânicas entre o homem e a natureza’”. Esse processo de apropriação dos objetos exteriores para a satisfação das necessidades do homem – ou seja, de produção dos [valores de uso](#) que contribuem para a manutenção e o crescimento da vida – em que consiste o ‘*trabalho vivo*’ constitui, segundo Marx, ‘uma necessidade física da vida humana’”. Ou seja, trabalho vivo é o trabalho que produz bens para a satisfação das necessidades humanas, para o consumo direto – é o trabalho que produz valores de uso. “O trabalho vivo preserva assim um ‘contato natural com os elementos materiais (as matérias-primas e os instrumentos da produção) de sua existência’ que ele transforma em elementos constitutivos de sua própria dinâmica: ‘enquanto ele é útil, [...] é atividade produtiva; o trabalho, por seu simples contato com os meios de produção, ressuscita-os de dentre os mortos, faz deles os fatores de seu próprio movimento’” (grifo nosso) (in HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006. Consultado em 07.12.2020). O trabalho vivo em Marx é representado pelo [capital variável](#), sendo que este “representa o *valor da força de trabalho*, a qual, como já referido, cria, no processo produtivo, uma quantidade de valor superior ao seu

de “capital adicional I”, resultado do processo produtivo inicial. O capital adicional I, uma vez “relançado no processo de produção, realiza de novo sua mais-valia no processo de intercâmbio e reaparece como um novo capital adicional no começo de um terceiro processo de produção”, e assim entra em cena o “capital adicional II”. Enquanto o capital adicional I tinha como pressupostos “os valores pertencentes ao capitalista [oriundos da acumulação primitiva, como visto] e lançados por ele em circulação [...]”, o “pressuposto do capital adicional II é a própria existência do capital adicional I, ou seja, o fato de que o capitalista já se apoderou antes de trabalho alheio [quando da produção do capital adicional I, digo eu], sem intercâmbio”. E assim o processo pode recomeçar “indefinidamente”. “A apropriação do trabalho alheio no passado se apresenta”, portanto, “como condição para uma nova apropriação de trabalho alheio no presente [sem contrapartida de novo equivalente, digo eu novamente]” (grifo do autor). “Que o capitalista já se encontre confrontado, como capital, ao trabalho vivo é a única condição primordial para que não só ele [o capital, digo eu] se conserve como capital, mas também para que, como capital em crescimento, se aproprie de cada vez mais trabalho alheio, sem equivalente”.²² Até aqui, conhecemos o processo de reprodução do capital em suas primeiras linhas.

Passemos então à segunda parte do capítulo em foco, a **inversão da lei de apropriação de mercadorias**, com a transcrição feita por Rosdolsky do que se lê nos *Grundrisse*: “Criando-se um capital adicional I através do intercâmbio simples entre trabalho objetivado [trabalho anterior objetivado nos meios de produção, digo eu] e força viva de trabalho [trabalho atual com o uso dos meios de produção, digo eu novamente] – um intercâmbio inteiramente baseado nas leis da troca de equivalentes, avaliados pela quantidade de trabalho, ou de tempo de trabalho, contida neles – e, considerando-se que esse intercâmbio, tal como se expressa juridicamente, pressupõe o direito de propriedade de cada um sobre seus próprios produtos e a livre decisão sobre seu uso [o que

próprio valor, pelo que, o capital variável é trabalho vivo, porque *varia* durante esse processo produtivo, levando a que o capital total se valorize através da criação de mais-valia” (grifo nosso). Ensina Marx: “A parte do capital convertida em força de trabalho em contraposição muda o seu valor no processo de produção. Ela reproduz seu próprio equivalente e, além disso, produz um excedente, uma mais-valia que ela mesma pode variar, ser maior ou menor. Essa parte do capital transforma-se continuamente de grandeza constante em grandeza variável. Eu chamo-a, por isso, parte variável do capital, ou mais concisamente: capital variável” (in DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Econômica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>, p. 20. Consultado em 07.12.2020). Ainda com o apoio de Donário e Santos, tratemos do *trabalho morto*. O denominado “trabalho morto” é representado pelo “capital constante, cristalizado e acumulado nos [objetos, digo eu] meios e instrumentos de produção, nomeadamente, nas matérias-primas e nas amortizações do capital fixo. Este capital, que constitui o trabalho cristalizado nas mercadorias em processos produtivos passados, é utilizado no processo produtivo actual [sic], apenas transmite o seu valor às novas mercadorias, mas não cria novo valor”. Diz Marx: “A parte do capital que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção”. A essa parte do capital, parcela que representa o trabalho morto, Marx o chama de “a parte constante do capital, ou mais concisamente: capital constante” (Idem, p. 20. Consultado em 07.12.2020).

22 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 220. Nos manuscritos *Grundrisse* de 1857/1858 consta que no capital adicional, que é produzido pelo trabalho, “está implícita ao mesmo tempo a necessidade real de novo mais-trabalho, e deste modo o próprio capital adicional constitui a possibilidade real de novo mais-trabalho e, ao mesmo tempo, de novo capital adicional”, e, conseqüentemente de mais mais-valia capitalizada. “Vê-se aqui como o mundo objetivo da riqueza se amplia progressivamente pela ação do trabalho e se defronta com ele como um poder alheio [...]” (Idem, p. 544 Nota 19).

corresponde à **lei de apropriação de mercadorias**²³, digo eu] – e na medida em que a relação entre o capital adicional II e o I decorre dessa primeira relação – [...]”, chega-se “ao estranho resultado de que o **direito de propriedade se inverte dialeticamente**: do lado do capital, transforma-se no **direito ao produto alheio** ou no **direito de propriedade sobre o trabalho alheio**, no **direito de apropriar-se de trabalho alheio sem equivalente** [...]” (grifo nosso); do lado do trabalho, o direito de propriedade do produto do trabalho transforma-se “[...] **no dever de reconhecer que o produto do próprio trabalho e até mesmo o próprio trabalho são valores que pertencem a outro** [ao capitalista, digo eu]” (grifo nosso).²⁴

Consta nos manuscritos de 57/58 que o intercâmbio de equivalentes, operação que originou e fundamentou o direito de propriedade, ocorrido no início do processo de produção original do capital a partir da troca da força de trabalho por salário, “modificou-se até o ponto de tornar-se um intercâmbio aparente, pois a parte do capital intercambiada por força viva de trabalho é trabalho alheio apropriado [o mais-trabalho, digo eu] sem que a ele se tenha dado um equivalente como contrapartida”, sendo trabalho não pago.²⁵

Nessa linha, Marx proclama implacável: “*A relação de intercâmbio deixou cabalmente de existir, é mera aparência*” (grifo do autor). Originalmente, “o direito de propriedade [do produto do trabalho, digo eu] se apresentava como sendo baseado no trabalho próprio”; agora a propriedade se apresenta “como direito ao trabalho alheio e como impossibilidade, por parte do trabalho, de apropriar-se de seu próprio produto”.

De acordo com o que Rosdolsky apresenta, muito embora Karl Marx não tenha sido o primeiro a identificar que “a transição ao modo de produção capitalista implica uma inversão das leis de apropriação [falaram sobre ela Adam Smith e David Ricardo, entre outros, acrescentamos²⁶]”, ele “foi o primeiro a explicar a natureza dessa inversão e a demonstrar a necessidade dela” para o modo capitalista de produção. Disse Marx: “A separação radical entre a propriedade (mais ainda, a riqueza) e o trabalho aparece agora como consequência da lei [de apropriação, digo eu novamente] cujo ponto de partida era a identidade de ambos [a equivalência entre propriedade e trabalho, ou seja, o produtor possuía os meios de produção e, por assim ser, também era dono do produto do seu trabalho, digo eu]”. Com a transição para o capitalismo essa lei se inverte.

A natureza da inversão da lei da apropriação mostra que, ao contrário do que pensavam os economistas tradicionais, o trabalhador **não entrega ao capitalista seu trabalho**²⁷, diretamente, mas sim sua **capacidade criadora de valor**, sua **força de trabalho** medida pelo **tempo de trabalho abstrato objetivado** na produção. Para Roman Rosdolsky, “toda a dificuldade para compreender o capital e suas formas está em

23 Conforme Folheto nº 6, [Capítulo 10](#).

24 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 220 e 221.

25 Idem, p. 221 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

26 Ibidem, p. 545 Nota 26. Sobre os dois economistas clássicos britânicos citados no parágrafo em Nota, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith e https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.

27 Se assim fosse, trocaria trabalho por trabalho, como ocorria nos modos de produção anteriores à produção burguesa, e não força de trabalho por salário. Naqueles estágios, a base da produção ainda não repousava no intercâmbio propriamente dito, assentado, pelo menos formalmente, nos pressupostos de liberdade, igualdade e propriedade (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 224).

descobrir exatamente como a lei de intercâmbio de mercadorias – que diz que as mercadorias são trocadas segundo o tempo de trabalho nelas contido [que corresponde a substância do valor das mercadorias, tema que já estudamos alhures] – faz surgir uma forma de apropriação, típica do capitalismo, que não dá ao trabalho, em troca, um equivalente e, mesmo assim, ‘em primeira instância, não contradiz essa lei’”.

Marx explica: “Ao adquirir a força de trabalho em um intercâmbio de equivalentes, o capital adquire **tempo de trabalho sem equivalente** [mais-trabalho ou **trabalho não pago**, digo eu], na medida em que este tempo **excede** o tempo de trabalho contido na força de trabalho [**trabalho necessário ou trabalho pago**, digo eu novamente]. *Graças à forma do intercâmbio* [típica da produção capitalista, digo eu mais uma vez], *apropria-se, sem intercâmbio, de tempo de trabalho alheio*” (grifo em negrito nosso, grifo em itálico do autor).²⁸ Simplificando: mensalmente, considerando a jornada de uma dia inteiro de trabalho dividida em duas frações, o que o trabalhador assalariado recebe é a contrapartida em forma de salário pelo trabalho necessário (equivalente a uma parte da jornada) realizado no mês com vistas a sua subsistência como trabalhador – trabalho pago; igualmente em cada mês, o trabalhador excede esse tempo de trabalho necessário laborando (na outra parte da mesma jornada), sem remuneração, para o capitalista, realizando então mais-trabalho – trabalho não pago.

Assim sendo, o filósofo alemão conclui que “o intercâmbio se torna o seu contrário, e as leis da propriedade privada – liberdade, igualdade, propriedade, a propriedade sobre o produto do trabalho e a livre disposição dele – se tornam a despossessão do trabalhador e a alienação de seu trabalho; ele passa a relacionar-se com seu trabalho como propriedade alheia e vice-versa”.

Explicando esse fenômeno, o nosso autor ucraniano afirma que “O caráter peculiar da mercadoria força de trabalho – que, como valor [no sentido de valor econômico ou intrínseco, digo eu²⁹], representa apenas seus custos de produção [tempo de trabalho abstrato socialmente necessário, digo eu novamente], mas como valor de uso [relacionado à utilidade da mercadoria força de trabalho, digo eu mais uma vez] é fonte de criação de novo valor – possibilita que o intercâmbio entre trabalhador e capitalista respeite as leis do intercâmbio de mercadorias e, simultaneamente, entre em contradição com essas mesmas leis”, desembocando “de fato na apropriação de trabalho alheio sem intercâmbio, embora mantenha ‘a aparência de intercâmbio’”, afinal no início do processo produtivo, formalmente, a mercadoria força de trabalho foi adquirida pelo capitalista mediante salário, em um suposto intercâmbio de equivalentes.

28 Idem, p. 222 (Ibidem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

29 “Valor” ou valor econômico ou valor intrínseco da mercadoria é o valor medido através do [tempo de trabalho socialmente necessário](#), do [tempo de trabalho humano abstrato](#) objetivado na mercadoria, ou seja, do tempo de trabalho social padrão para produzir uma mercadoria, que possibilita a troca de bens qualitativamente distintos por meio de um equivalente geral, o dinheiro. Sobre valor de uso, valor de troca e valor, os quais decorrem da definição e dimensão da categoria mercadoria, recomendamos a releitura do [Capítulo 3](#) (“Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”) do Folheto nº 02 deste artigo, onde, entre outros aspectos, aprofundamos a definição de mercadoria, tratamos da substância do seu valor (o tempo de trabalho socialmente necessário ou trabalho social ou, ainda, tempo de trabalho abstrato socialmente determinado), além da distinção entre valor de uso, valor (valor econômico ou valor intrínseco) e valor de troca.

Essa aparência, no entanto, sentencia o autor d’*O capital*, é “necessária”, visto que, acrescenta Roman, “a produção capitalista, como produção de mercadorias, pressupõe as leis do intercâmbio de mercadorias”. E a força de trabalho é também uma mercadoria. Caso contrário, os fundamentos das leis que justificam e buscam legitimar a sociedade burguesa – liberdade, igualdade e propriedade privada, como defendem seus apologistas, não se sustentariam, sequer aparentemente, e, sem essa aparência, também a ordem capitalista de produção.

Ressalta-se, para findar este escrito, que a mencionada aparência do pleno funcionamento da lei do intercâmbio de equivalentes é denunciada diante da **inversão do direito de apropriação**, e este só se torna visível, complementa o filósofo, “quando consideramos a produção capitalista no **fluxo ininterrupto de sua renovação** e, em vez de enfocarmos o capitalista singular e o trabalhador singular, enfocamos a **totalidade**, a classe capitalista e, diante dela, a classe trabalhadora” (grifo nosso).

“Vista isoladamente”, prega Roman, “a transação entre o trabalhador e o capitalista parece totalmente ‘justa’, ou seja, em conformidade com as leis gerais do intercâmbio de mercadorias [...]”. No entanto, pelo ângulo do fluxo ininterrupto de renovação do capital, no qual estão contempladas a classe capitalista e a classe trabalhadora (o sistema em sua totalidade), o que se vê, diz Marx, é “uma apropriação unilateral dos produtos do trabalho alheio, de modo a um produtor explorar o outro”.³⁰

Em tese, o direito original de apropriação não deveria permitir a apropriação unilateral dos produtos do trabalho alheio. Uma vez que permite, este direito é “pura ficção”, apenas “um reflexo dos processos considerados isoladamente”, classifica o filósofo alemão; uma ficção necessária, concluímos. A troca de trabalho por trabalho não é intercâmbio de mercadorias. Karl Marx clarifica mais uma vez: “Pois, enquanto não se intercambia a própria força de trabalho, a base da produção ainda não repousa no intercâmbio; este continua limitado a um circuito estreito que se baseia no não intercâmbio, tal como ocorria em todos os estágios anteriores à produção burguesa [nos modos de produção escravista e servil, por exemplo, digo eu]”. Em vista disso, Rosdolsky acrescenta, com Marx, que “o modo de apropriação capitalista”, embasado na “ausência de propriedade, na expropriação do trabalhador”, tal qual descrito neste texto, “não é uma negação total nem uma ‘falsificação’ das leis do intercâmbio livre, mas sim ‘sua **última configuração**’” (grifo nosso).³¹

Juntando os dois assuntos analisados no capítulo dezenove de *Gênese*, o autor chega à conclusão, na trilha de Marx, “que ‘a verdadeira natureza do capital só se estabelece no final do *segundo ciclo*’ (ou seja, o ciclo do capital adicional I) [no processo de reprodução do capital original, digo eu]; portanto, só aqui ‘se dissipa a ilusão de que o capitalista troca com o trabalhador outra coisa que não seja uma parte do próprio trabalho objetivado deste [o produto final do próprio trabalho, digo eu]’. E só aqui o trabalho vivo é ‘simples recurso para valorizar o trabalho objetivado, morto [os meios de produção,

30 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 222 e 223.

31 Idem, p. 224.

digo eu], para impregná-lo de um sopro vivificador e perder nele sua própria alma'; enquanto as condições objetivas desse trabalho [os meios de produção, digo eu de novo] aparecem agora 'como existências alheias, autônomas [...] como valor que existem para si e se conservam para si, [...] que constituem a riqueza alheia à força de trabalho, a riqueza do capital'. O que resulta daí é a 'alienação extrema', a separação do próprio trabalho em relação às condições de sua realização". A separação entre trabalho e propriedade sobre o produto do trabalho, entre trabalho e riqueza, é uma premissa que está colocada desde os primórdios do capitalismo. "No processo de produção e reprodução do capital esta premissa apenas se realiza", encerra Roman Rosdolsky.³²

32 Ibidem, p. 225.

Capítulo 20 – A acumulação primitiva e a acumulação de capitais³³

No capítulo anterior, a análise marxiana demonstrou que assim que o capital original, através do intercâmbio entre capital e trabalho, se transforma em capital adicional, este, também denominado de capital excedente, ou ainda de mais-valia capitalizada, “começa a gerar seus [próprios, digo eu] pressupostos, ou seja, as condições que permitem criar novos valores sem intercâmbio, passando pelo processo de produção”. Essas condições ou pressupostos, “que antes apareciam como componentes de seu devir [sendo, inclusive, exteriores ao próprio capital], postos de fora, digo eu], [...] apresentam-se agora como resultados de sua própria realização, como realidade criada por ele; *não mais como condição de sua gênese, mas como resultados de sua existência*” (grifo do autor).³⁴

Conforme deduz o pensador ucraniano Roman Rosdolsky, “as condições para o devir do capital não estão contidas no modo de produção capitalista; devem encontrar uma explicação fora dele”. Contudo, as condições que resultam da sua existência são dadas pelo seu próprio movimento.

A partir de uma metodologia que “mostra os aspectos onde é necessário introduzir a análise histórica”, segundo Karl Marx, verificou-se que **a gênese da economia burguesa ou capitalista**, “mera **forma histórica** do processo de produção”, aponta “para mais além de si mesma”, aponta para os **modos históricos de produção pré-capitalistas** (grifo nosso).

Nessa direção, Rosdolsky, transcrevendo Marx, observa que o método marxiano (a “forma dialética da exposição”) “nos leva a considerar as ‘condições prévias do capital’, as quais, embora ‘pertencam à história de sua formação, de modo algum pertencem à sua história contemporânea’ e encontram sua mais clara expressão no que se passou a chamar de **acumulação primitiva de capital**”³⁵ (grifo nosso).

Karl Marx registrou nos manuscritos *Grundrisse* as condições da relação capitalista que, segundo ele, “estão presentes na forma como esta relação se apresenta desde o início”. É o que Roman Rosdolsky nos revela agora: a) **disponibilidade da capacidade viva de trabalho**: disponibilidade da força de trabalho, segundo Marx, “*como existência meramente subjetiva* [que existe em si, digo eu], *separada dos elementos de sua realidade objetiva* [apartada dos meios de

33 Tal qual anotamos em relação ao tópico anterior, no capítulo vinte de *Gênese* o autor observa a impossibilidade de se fazer a correspondência do seu conteúdo com a organização adotada nos *Grundrisse* devido a forma dispersa que os temas se encontram nesses manuscritos de 1857/1858 (Ibidem, p. 201).

Também na explanação do capítulo em foco, Rosdolsky não se limita aos *Grundrisse*, recorrendo igualmente a obras posteriores de Marx, sobretudo *O capital*. Quando tal fato ocorrer faremos a devida menção.

34 Ibidem, p. 227 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

35 Como lemos nos *Grundrisse*, do mesmo modo, por exemplo, que a fuga dos servos para as cidades se coloca como um dos pressupostos históricos do sistema urbano, embora não seja “uma *condição*, um elemento da realidade do sistema urbano desenvolvido [...]” (grifo do autor), as condições prévias da existência do capital também não são condições da sua realidade desenvolvida, correspondem tão somente “a seus pressupostos passados, aos pressupostos de seu devir, abolidos em sua própria existência” (Ibidem, p. 546 Nota 2).

produção, digo eu novamente]; logo, separada das condições de realizar trabalho vivo e dos meios de existência [ou subsistência, digo eu], meios de conservar a força viva de trabalho [...]” (grifo do autor); b) **acumulação de valores de uso**: “o valor (o capital), que se contrapõe [ao trabalho, que submete a capacidade viva de trabalho, digo eu mais uma vez]”, segundo Roman, citando o filósofo alemão, “deve ser ‘uma acumulação de valores de uso suficientemente grande [uma acumulação de riqueza advinda de processos produtivos anteriores, digo eu], de modo a proporcionar as condições objetivas [aquisição de meios de produção, repetimos] não só para produzir os produtos ou valores necessários para reproduzir ou conservar a capacidade viva de trabalho, mas *também para absorver mais-trabalho*, para lhe suprir material objetivo [e, conseqüentemente, criar mais-valia, digo eu novamente]”” (grifo do autor); c) **livre relação de troca**: existência, prescreve K. Marx, de uma “*livre relação de troca [...] entre as partes* [cuja relação corresponde ao intercâmbio mercantil simples, processo vender para comprar (ciclo M-D-M), recordamos³⁶]; [...] ou seja, uma produção que não proporciona diretamente, ao produtor, os meios de subsistência, sendo mediada pela troca, e na qual ninguém pode apoderar-se diretamente do trabalho alheio, devendo comprá-lo através de uma operação de intercâmbio com o trabalhador³⁷” (grifo do autor); e, finalmente, d) **valor (capital)**: a parte do valor que se defronta com o trabalhador, pondo-o a realizar mais-trabalho, a qual, Marx acrescenta, “*deve entrar em cena como valor e ter como finalidade última gerar valores, autovalorizar-se, obter dinheiro, e não criar valores de uso e desfrutar diretamente deles*” (grifo do autor).³⁸

Assim, só podemos falar de **relação capitalista** se houver por parte do trabalhador a **colocação de sua própria capacidade de trabalho como elemento de troca**, isto é, **se dispuser da sua força de trabalho como mercadoria**. De acordo com R. Rosdolsky, citando Marx, “o modo de produção capitalista pressupõe a dissolução de

36 Roman divide a evolução histórica do intercâmbio de mercadorias em três estágios: o “intercâmbio entre trabalho e o produto desse trabalho”, o “intercâmbio de produtos” e o “intercâmbio real de mercadorias”. Entretanto, neste projeto de estudo, para efeito didático, subdividimos o estágio do “intercâmbio real de mercadorias” em intercâmbio real com a intermediação da mercadoria-dinheiro (que historicamente foi o gado, o sal, o couro, escravos etc.), que chamamos de *intercâmbio real mercantil simples*, e em intercâmbio real com a intermediação do dinheiro propriamente dito (a prata, o ouro etc.), que denominamos de *intercâmbio real mercantil capitalista*. Desse modo, passamos a considerar quatro estágios da evolução histórica do intercâmbio de mercadorias: primeiramente, nas comunidades naturais, onde o homem produzia apenas o que necessitava imediatamente (sendo o limite de suas necessidades o limite de sua produção), havia somente “o *intercâmbio entre seu trabalho e o produto do seu trabalho*” (grifo nosso), uma “forma latente, do germe, do intercâmbio real”; no passo seguinte, “quando o homem passa a produzir mais do que necessita para o sustento cotidiano, quando seu trabalho lhe proporciona um ‘produto excedente’”, surge o que se conhece como “*intercâmbio de produtos*” (grifo nosso), e entre comunidades distintas, não ocorrendo no interior das próprias comunidades naturais – é o que se chamou de “*troca primitiva* [M-M (mercadoria por mercadoria), digo eu]”; no terceiro estágio da evolução do intercâmbio, onde se dá “a transformação incipiente dos valores de uso em mercadorias”, temos o *intercâmbio real mercantil simples*, momento que se passa a empregar “a mediação do dinheiro [M-D-M (mercadoria é trocada por dinheiro que, por sua vez, é trocado por outra mercadoria com vistas ao consumo), digo eu novamente]”, mas não ainda o dinheiro típico do quarto estágio da evolução histórica da relação de troca, do *intercâmbio real mercantil capitalista*, ocasião em que o valor de troca das mercadorias (no sentido de “valor” ou valor econômico ou intrínseco) predomina no intercâmbio e o dinheiro se transforma em capital [D-M-D’ (o dinheiro é trocado por mercadoria que é vendida para gerar mais dinheiro, digo eu) (Ibidem, p. 109, 110 e 111)].

37 Uma operação em que um produtor A troca seu produto por outro pertencente a B, com a intermediação do dinheiro: o produtor A troca sua mercadoria não valor de uso para ele por outra mercadoria não valor de uso para seu proprietário – o produtor B –, de modo a satisfazer as diferentes necessidades naturais de ambos. Sobre a função do dinheiro como meio de circulação, reveja o item “B” do [Folheto nº 05](#) deste Artigo Expositivo.

38 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 227 e 228.

todas as relações ‘nas quais os próprios trabalhadores, as capacidades vivas de trabalho, ainda estão imediatamente incluídos nas condições objetivas de trabalho [ainda estão incluídos como meios de produção, mais precisamente como instrumentos de produção, digo eu] e como tais são apropriados, em relações de escravidão ou servidão’ – **o capitalismo, portanto, pressupõe a dissolução de todas as relações sociais de produção antigas (pré-capitalistas).**³⁹

Nesse sentido, o modo capitalista de produção (o capital) não considera o trabalhador (o indivíduo trabalhador) como condição da produção, ao contrário do que ocorria nos modos de produção escravista e feudal; “**só o trabalho o é**”, proclama Marx (grifo nosso). “**O capital**”, diz ele, “**não se apropria do trabalhador**”, da sua existência como indivíduo livre, “**mas de seu trabalho**”, da **mercadoria força de trabalho que lhe pertence** (grifo nosso). Além disso, a apropriação da força de trabalho não é feita diretamente pelo capital, mas “com a mediação do intercâmbio”, como visto⁴⁰.

Entretanto, o intercâmbio do trabalho vivo por dinheiro, “não basta nem para constituir o capital, de um lado, nem o trabalho assalariado, de outro”. Esse intercâmbio pode dar lugar a outras relações que não se enquadram como capitalistas, a exemplo do trabalho do alfaiate autônomo que prestando um serviço específico para alguém entrega valor de uso (seu serviço) e recebe em troca dinheiro para aplicar em sua subsistência (consumo), recebendo, igualmente, valor de uso.

Destacando do rol de relações de trabalho não capitalistas o ofício de alfaiate autônomo, Marx afirma: “A roupa não só contém um trabalho específico que lhe deu uma forma (uma forma útil determinada, transmitida ao tecido pelo movimento do trabalho); contém também uma certa quantidade de trabalho; portanto, contém não só valor de uso [uma forma específica (roupa) que serve a uma utilidade específica, ao consumo direto, digo eu], mas valor em geral, valor como tal [valor que correspondente ao valor econômico ou intrínseco da mercadoria, isto é, ao tempo de trabalho objetivado na roupa produzida, digo eu]. Mas este valor não existe para A, que usa a roupa e não é vendedor de roupas. Mediante permuta, ele obteve o trabalho não como trabalho que cria valor [no sentido de valor econômico ou intrínseco, repetimos], mas como atividade que cria valor de uso, utilidade. [...]. Mas, mesmo supondo que A paga o serviço [do alfaiate, digo eu] em dinheiro, seu dinheiro não se transforma em capital [o dinheiro que cria e reproduz valor, digo eu novamente]; ele foi usado como meio de circulação para obter um objeto de consumo [processo vender para comprar, uma relação de intercâmbio mercantil simples (ato M-D-M), digo eu], um valor de uso. Este ato **não produz riqueza**; ao contrário, **consome riqueza**” (grifo nosso).⁴¹

39 Idem, p. 228 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

40 O disposto no parágrafo em Nota não quer dizer de modo algum, observa o filósofo alemão, de acordo com a obra e página referenciadas na Nota anterior, que não se encontre “dentro do sistema burguês de produção [...] escravidão nesse ou naquele ponto. Mas ela só pode existir alhures porque não existe em outros pontos, e, nesse sistema, é uma anomalia”. Todavia, tal anomalia se verifica, com não rara frequência, ainda nos dias de hoje, principalmente em países da periferia do capitalismo como o [Brasil](#), mas não só, tanto no meio urbano como rural, inclusive praticada por [empresas multinacionais](#).

41 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 229 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

Ao transformar seu dinheiro em roupa, o sujeito A, possuidor do dinheiro, “não o valoriza, mas o desvaloriza”, pois a mercadoria roupa foi adquirida para uso próprio no dia a dia, desgastando-se naturalmente pelo consumo. Na medida em que A repete a operação de aquisição de valor de uso com o dinheiro que ainda possui “tanto mais se empobrecerá”. O dinheiro que circula e que é trocado pelo trabalho vivo do alfaiate “**não é capital, mas é renda**, é dinheiro como **meio de circulação** [...] e **não [...] dinheiro que se conserva e se valoriza** [dinheiro como capital, digo eu mais uma vez] mediante a compra do trabalho como tal” (grifo nosso). **Uma coisa é dinheiro como renda, outra coisa é dinheiro como capital.**

Marx prossegue: “A troca de dinheiro na condição de renda, de meio de circulação, por trabalho vivo não transforma o dinheiro em capital, e portanto não coloca o trabalho na condição de trabalho assalariado, na acepção econômica do termo. **Consumir (gastar) dinheiro não é fazer dinheiro**” (grifo nosso).

Portanto, o simples intercâmbio de trabalho objetivado na forma de dinheiro (esforço anterior que fez com que A possuísse dinheiro para ingressar no intercâmbio) por trabalho vivo (o trabalho atual realizado pelo alfaiate) não constitui o **capital** nem, por consequência, o **trabalho assalariado**. Ambos (capital e trabalho assalariado) são constituídos pelo “**intercâmbio de trabalho objetivado como valor, como valor que se conserva** [que não é utilizado para o simples consumo da mercadoria roupa, digo eu], **por trabalho vivo como valor de uso do primeiro** [por trabalho vivo para realizar mais-trabalho, digo eu novamente]; ou seja, não como valor de uso para um uso ou consumo particulares, determinados, mas valor de uso para [criar, digo eu] o valor” (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso).

A par disso, segundo Roman Rosdolsky, só existe **relação capitalista** onde “**o comprador da força de trabalho compra mercadorias [meios de produção, digo eu] que lhe servem como meio para conservar e multiplicar os valores que estão em seu poder**” (grifo nosso). Não basta adquirir a força de trabalho por um equivalente em dinheiro, por exemplo. É imprescindível que essa capacidade viva de trabalho seja utilizada para produzir, conservar e reproduzir valor (mais dinheiro), ou mais-valia, para o comprador da mercadoria força de trabalho pertencente ao trabalhador.⁴²

42 Ibidem, p. 230 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Rosdolsky, ainda sobre esse assunto, menciona que Marx diferencia *trabalhadores assalariados*, “no sentido econômico estrito”, de *diaristas* “que se encontram aqui e ali, no período de dissolução das condições pré-burguesas”. Embora se considere que seus serviços eram realizados mediante pagamento e que não visavam tão somente o consumo pelo seu empregador, mas também a criação de valor (valor econômico ou intrínseco), a venda, a produção daí resultante, que misturava o trabalho de um trabalhador livre com o dos servos, em escala maior era direcionada para consumo (valores de uso direto) e não para produção de valores. Quando o nobre vendia parte dessa produção, o fazia em relação aos produtos supérfluos, “ao consumo de luxo”, diz K. Marx; neste caso, o trabalho remunerado do diarista lhe criava “um valor”. Ali onde ocorreu a multiplicação dos trabalhadores livres e o desenvolvimento dessas relações, prossegue o alemão, “o velho modo de produção [...]” começava “dissolver-se [apesar das idas e vindas que fizeram que o modo de produção vigente não se transformasse em todas as regiões e ao mesmo tempo (como “na velha Polônia”), digo eu com base em Marx], preparando-se as condições do verdadeiro trabalho assalariado” (Ibidem, p. 230). Segundo o pensador ucraniano, é preciso anotar que historiadores da economia europeia em várias tentativas pretenderam “deduzir o caráter ‘capitalista’ das fazendas do século XVIII a partir da existência, nesses estabelecimentos, de diaristas livres”, porém, como estamos a ver, tal dedução não coaduna com a investigação marxiana (Ibidem, p. 548 Nota 14).

Daí ser fundamental e condição obrigatória que o trabalhador, proprietário da força de trabalho, observa Roman, seja “pessoalmente livre e, ademais”, deva “estar em uma situação na qual já não lhe seja possível intercambiar produtos que ele mesmo produziu [o produto do seu trabalho não mais lhe pertence, digo eu]”. Que não mais esteja na condição de escravo ou de servo ou que, caso não tenha sido nem um nem outro, já esteja separado ou desprovido da propriedade dos meios de produção. Que seja “um proletário sem posses”. A “única mercadoria que ele [agora, digo eu] pode oferecer [e livremente, digo eu novamente] é sua força de trabalho”⁴³.

Embora houvesse no modo de produção de épocas anteriores uma “unidade original” entre o produtor e as condições de produção (onde o produtor era o proprietário ou estava na posse dos meios de produção), para Marx não é essa unidade que precisa ser explicada ou que resulta de um processo histórico, mas sim “a separação [...]”, a separação entre o produtor e as condições de produção, “uma separação que é plena [e que se realiza, digo eu], pela primeira vez, na relação entre trabalho assalariado e capital”.⁴⁴

De acordo com Roman Rosdolsky, ancorado em Marx, “o modo de produção capitalista pressupõe uma série de perturbações históricas [pressupostos históricos, digo eu], pelas quais se destroem as diversas formas que ainda mantinham vinculados o produtor e os meios de produção”. Vamos às principais: “[...] a ‘**dissolução do vínculo com a terra** – o solo – como condição natural da produção [...]’. (Por isso, ‘*na fórmula do capital [...] está implícita a não propriedade da terra* [por parte do indivíduo que trabalha, o produtor, digo eu] [...]’)⁴⁵; a **dissolução de relações nas quais o produtor ‘é proprietário do instrumento** [de trabalho, digo eu]’”, a exemplo das manufaturas onde tinha a propriedade das ferramentas etc.; e, em decorrência dos dois casos citados, “a **dissolução da situação na qual o produtor ainda ‘possui os meios de consumo [...] necessários para viver como produtor [...] durante a produção, antes de terminá-la’**. (‘Como proprietário da terra, ele pode abastecer-se diretamente do seu fundo de consumo necessário. Como mestre artesão, herdou, ganhou, economizou. Como jovem artesão, é primeiro aprendiz, ainda não é propriamente trabalhador independente, compartilha a refeição com o mestre, numa relação patriarcal [...]’).”⁴⁶

43 O autor de *Gênese* conta que essas condições sociais de trabalhador livre e desprovido de posses, que cria e reproduz valor, ao contrário do que possa aparentar considerando a ordem social atual, não se constituíram de maneira simples. Foi necessária “uma evolução secular até que pudesse surgir uma classe de proletários desse tipo” (sobre *proletário* ou *proletariado* tratamos na *Seção Preliminar – Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item “O universo marxiano, principais conceitos”), deste [Blog](#)). Com exceção da escravidão e situações assemelhadas, “[...] os produtores das épocas anteriores [pré-capitalistas, digo eu] eram proprietários ou, pelo menos, estavam de posse dos meios de produção (da terra ou das ferramentas necessárias ao trabalho manual). Para eles, as condições objetivas da produção apareciam ‘como pressupostos da natureza, como condições naturais de existência do produtor, assim como seu corpo vivo, o qual, por mais que ele reproduza e desenvolva, originalmente não é criado por ele mesmo, mas é um pressuposto de sua existência’” (Ibidem, p. 230).

44 Ibidem, p. 230 e 231.

45 Nessa passagem de *Gênese*, o autor acrescenta um aspecto exposto no Livro IV d’*O capital*, onde Marx confirma que “A primeira condição para o desenvolvimento do capital é a separação da propriedade do solo em relação ao trabalho, como um poder independente, sob controle de uma classe particular, diante do trabalhador livre”. Daí que, continua o alemão referindo-se a uma descrição dos fisiocratas, “o proprietário da terra aparece como verdadeiro capitalista, ou melhor, como o proprietário do mais-trabalho [...]. Também nesse aspecto o sistema fisiocrata acerta [...]” (Ibidem, p. 548 e 549 Nota 20).

46 Ibidem, p. 231.

Não obstante, Karl Marx dispõe que “[...] O capital não se forma a partir da propriedade da terra (quando muito, pode formar-se a partir do arrendatário, se ele faz comércio com produtos agrícolas), tampouco da corporação (embora neste último ponto [‘haja’, intervém Rosdolsky] uma possibilidade⁴⁷), mas sim da riqueza formada no **comércio** e na **usura**”.⁴⁸ O alemão continua: “É inerente ao conceito do capital, em sua gênese, que ele surja do dinheiro e, portanto, **da riqueza que existe sob a forma de dinheiro**. Também é inerente que ele surja da circulação [daquela riqueza, digo eu], que apareça como **produto da circulação**” (grifo nosso).⁴⁹

Entretanto, Marx demonstra no Livro III de *O capital*⁵⁰, que a riqueza formada no comércio (oriunda de uma produção para venda no atacado e não para um cliente individual) e na usura (riqueza monetária conseguida por saques (por exemplo, a expropriação de camponeses), trapaças, dominações, em suma, violências e todo tipo de procedimentos que nada têm a ver com o método pacífico de acumular o que se ganha trabalhando, como mencionamos anteriormente), embora condição importante para a conversão em capitalistas das pessoas endinheiradas de então, por si só não é suficiente para explicar “a transição de um modo de produção a outro [do modo de produção feudal ao capitalista, digo eu com base em Rosdolsky]”.⁵¹

Portanto, observa Rosdolsky, na trilha de Marx, “Não foi a riqueza em dinheiro como tal [seja ele extraído do comércio incipiente, seja acumulado por meio de saques etc., digo eu], que converteu em capitalistas os comerciantes e pessoas endinheiradas dos séculos XV ao XVII. Pelo contrário, essa conversão pressupunha o processo histórico da **separação dos meios de produção em relação ao trabalho e aos trabalhadores**. Só depois desse processo ‘ter alcançado certo nível, a riqueza monetária pôde colocar-se como intermediária entre as condições objetivas de vida, assim liberadas, e as forças de trabalho vivas, liberadas mas também despossuídas, e assim pôde comprar umas com as outras’. Só então tornou-se possível a ‘**acumulação primitiva**’ das condições de produção por parte dos capitalistas” (grifo nosso).

Marx, no desenvolvimento da sua investigação, chama a atenção para o fato de que a acumulação primitiva do capital não pode ser entendida como se o próprio

47 Sobre essa questão, lê-se em *Grundrisse* a seguinte explicação: “Ao ocorrer a dissolução das corporações, alguns mestres se transformam em capitalistas industriais; não obstante, esse caso é raro, o que está de acordo com a natureza da coisa. Ali onde surgem o capitalista e o operário, em geral a corporação se arruína, o mestre e o oficial se arruínam” (Ibidem, p. 549 Nota 23).

48 Ibidem, p. 231 e 232.

49 Ibidem, p. 231.

50 Ibidem, p. 549 Nota 26.

51 Ibidem, p. 232 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Se assim fosse, em conformidade com a obra e página referenciadas, “a antiga Roma, Bizâncio etc.”, diz Marx, “teriam terminado sua história com trabalho livre e capital, ou melhor, teriam começado uma nova história. Também ali a dissolução das velhas relações de propriedade estava ligada ao desenvolvimento da riqueza monetária, do comércio etc. Mas, em vez de conduzir à indústria, essa dissolução conduziu na verdade ao domínio do campo sobre a cidade”. Ademais, prescreve Marx no Livro III d’*O capital*, “No mundo antigo, os resultados do comércio e do desenvolvimento do capital comercial foram sempre a economia escravista; segundo o ponto de partida, eles resultaram na transformação de um sistema escravista patriarcal, voltado para a produção de meios de subsistência direta, em um sistema orientado para a produção de mais-valia. Em troca, na era moderna, desembocam no modo capitalista de produção. Disso se deduz que esses mesmos resultados ainda estavam condicionados por outras circunstâncias totalmente diferentes do desenvolvimento do capital comercial” (Ibidem, p. 549 Nota 28).

capital “houvesse acumulado e criado as condições objetivas da produção – meios de subsistência, matérias-primas, instrumentos – e as houvesse entregue aos trabalhadores despojados delas”. “Nada mais estúpido”, reclama. O filósofo explica: a “formação primitiva [do capital, acrescentamos] ocorre simplesmente quando, através do processo histórico de dissolução do antigo modo de produção, o valor existente como riqueza monetária adquire, por um lado, a capacidade de comprar as condições objetivas do trabalho e, por outro, a de trocar por dinheiro o trabalho vivo dos trabalhadores livres. Todos esses elementos existiam [a mão-de-obra, a matéria-prima algodão, o torno de fiar etc., por exemplo, digo eu]; sua separação é um processo histórico, um **processo de dissolução**, e **é esse processo que permite ao dinheiro transformar-se em capital**”⁵² (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso).⁵³ Não é o capital que cria as condições objetivas da produção e as fornece aos trabalhadores, é exatamente a retirada das condições objetivas da posse ou da propriedade dos trabalhadores que possibilita a criação do capital.

Marx prossegue: originariamente, “[...]. *O que é específico do capital é o fato de ele juntar as massas de braços e os instrumentos que encontra e aglomerá-los sob sua autoridade. Esta é a sua verdadeira acumulação*, a acumulação de trabalhadores em [‘determinados’, intervém Roman] pontos, junto com seus instrumentos”. Contudo, “[...], tal concentração só pode ter lugar se esses trabalhadores virarem assalariados, isto é, trabalhadores que devem vender sua força de trabalho porque se defrontam com os meios de produção como propriedade alheia, como uma potência estranha e autônoma [...] [‘porque’, intervém Rosdolsky] o controle desses meios se encontra em mãos de poucos proprietários de dinheiro ou de mercadorias, que assim se convertem em capitalistas”. Somente quando inserido nessa relação, agora na condição de trabalhador assalariado, consegue obter os meios de sua subsistência. Considerando que esse processo deve ser reproduzido continuamente, só no capitalismo os meios de produção e os meios de subsistência do trabalhador adotam as formas de mercadorias e de capital.

Dessa perspectiva, Roman Rosdolsky observa, sempre na companhia do filósofo alemão, que “**a acumulação primitiva é um elemento constituinte da relação capitalista e está ‘contida no conceito de capital’**” (grifo nosso). Contudo, Marx ensina, “Uma vez existindo o capital, e a partir da própria produção capitalista, essa separação [entre os trabalhadores e os meios de produção, que constitui a essência dessa acumulação, digo eu com base em Rosdolsky] se conserva e se reproduz em escala cada vez maior [o que ‘ocorre em virtude da constante capitalização da mais-valia’, intervém o autor de *Gênese*], até que se produza a reviravolta histórica [‘até que seja instaurada a ordem social comunista’, intervém novamente Roman⁵⁴]”. Com isso, conclui o alemão, “acumular, transformar de forma sempre renovada uma parte do mais-produto em meios de produção, converte-se em função específica do capitalista”. Aqui, conforme os

52 “[...]. Separados da terra”, informa Marx nos *Grundrisse*, “os fiandeiros e os tecelões [por exemplo, digo eu], com seus tornos e teares, caíram sob o domínio da riqueza em dinheiro etc.”. A “riqueza em dinheiro não descobriu nem fabricou o torno de fiar nem o tear”, eles já existiam; só os separou do produtor (Ibidem, p. 549 Nota 34).

53 Ibidem, p. 233 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

54 Ibidem, p. 551 Nota 43.

Grundrisse, se tem a “**acumulação específica do capital**” (grifo nosso), ou **acumulação de capitais**, que deve ser entendida como o “oferecimento do material [‘por parte do capitalista’, intervém Rosdolsky] para o [‘novo’, interfere novamente Rosdolsky] mais-trabalho”⁵⁵, ou seja, para a **reprodução ampliada do capital**.⁵⁶

Desse modo, a acumulação de capital transforma em um “*processo contínuo o que na acumulação primitiva aparece como um processo histórico particular*, processo de gênese do capital e transição de um modo de produção a outro”, arremata Karl Marx. Enquanto “a transformação do dinheiro em capital pressupõe o processo histórico da acumulação primitiva [...], ‘o efeito do capital (uma vez que ele já tenha surgido) e de seu processo consiste em submeter toda a produção e em desenvolver e estender em todas as direções a separação entre trabalho e propriedade, entre trabalho e condições objetivas do trabalho’”, leciona Roman citando mais uma vez o filósofo alemão.

“Por isso, o avanço posterior do modo de produção capitalista não provoca apenas a paulatina destruição do trabalho artesanal, do trabalho da pequena propriedade da terra etc., mas também faz com que ‘os grandes capitalistas abocanhem os pequenos, pela descapitalização destes’”.⁵⁷

No processo de acumulação ampliada do capital novamente se vê o processo de separação inaugurada com a acumulação primitiva. Agora, conforme K. Marx, na acumulação que passa a ser do capital, esse mesmo processo de separação aparece “como processo permanente na acumulação e concentração do capital e, finalmente, se manifesta como centralização dos capitais já existentes em poucas mãos, com descapitalização de muitos capitalistas”, retirando destes as condições objetivas (meios de produção) e subjetivas (força de trabalho) de produção. Este é um processo que só terá fim “com a eliminação do próprio capitalismo, ou seja, [com, digo eu] a restauração da unidade original entre os produtores e as condições de produção”, conclui Roman Rosdolsky.⁵⁸

Com o exposto, finalmente concluímos a reprodução da Parte III de “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx” – *O processo de produção do capital*. Nos folhetos seguintes versaremos sobre o processo de circulação do capital presente nos manuscritos *Grundrisse*, conforme nos apresenta o pensador ucraniano Roman Rosdolsky, cujo conteúdo, em grande parte, corresponde ao Livro II da obra maior marxiana.

55 E que pressupõe, por sua vez, diferentemente da acumulação primitiva, a existência prévia de capitais (Ibidem, p. 551 Nota 42).

56 Ibidem, p. 234 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Nesse ponto de “Gênese e estrutura de *O capital de Karl Marx*”, o pensador ucraniano faz uma consideração importante. Diz ele, sempre com Marx: “Isso não significa, naturalmente, que o emprego de partes do mais-produto para a reprodução ampliada seja característica exclusiva do capital. [...] É absurdo considerar que essa acumulação é específica do capital, já que as condições objetivas do trabalho vivo devem estar presentes em geral, outorgadas pela natureza ou produzidas historicamente”. Daí que a acumulação específica do capital ‘significa simplesmente que o mais-trabalho objetivado (mais-produto) é valorizado por um novo trabalho vivo, em lugar de colocá-lo (gastá-lo) em pirâmides etc., como faziam por exemplo os reis egípcios ou os aristocráticos sacerdotes etruscos’. No capitalismo, portanto, a função de ampliar a produção corresponde aos capitalistas e se apresenta com sendo a transformação do mais-produto em capital [em valor que se reproduz e não se consome simplesmente, como é o caso do gasto em pirâmides, conforme citado, digo eu]. (Exatamente por isso, esta ampliação da produção se diferencia da de épocas anteriores)” (Ibidem, p. 551 Nota 44).

57 Ibidem, p. 234 e 235.

58 Ibidem, p. 235.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS – Instituto de Economia. **Manual de Economia Política**. Capítulo II - Modos de produção pré-capitalistas. Nascimento da Formação Capitalista nas Entradas do Regime Feudal. O Papel do Capital Comercial. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/02.htm#i12c2>.
- ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.
- ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.
- ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.
- ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma análise existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.
- ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.fevistaseletronicas.pucrs.br/fojs/index.php/fintuitio/farticle/fdownload/f9664/f8478/f&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb->.
- ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.
- ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.
- ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.
- AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf.a>
- BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.
- BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.
- BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.
- BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.
- _____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio “Trent’Anni Doppo**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.
- BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.

CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto**. Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução"**. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho**. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch**. Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. Disponível em _____

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>. em

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Palestra Introdução à leitura dos Grundrisse** (vídeo). Editora UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xhds6tHvb08>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo).TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/. em

GENNARI, Adilson Marques. **Dois teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus**. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/duas-teorias-da-populacao-no-pensamento-classico-karl-marx.pdf.

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>. em

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf. em

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRESPLAN, Jorge e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx**. Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIOmc_ks&t=6s.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender O capital, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>. em

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>. em

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky)**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-!.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital. Manual de Economia Política**. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>. em

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf. em

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França**. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>.

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>.

_____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão**. Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach**. HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida**. São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica**. Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado**. Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em <https://www.pcb.org.br/porta/docs/int-metodo-teoria-social.html>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte).** Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DI3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes.** Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial, 2022. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune.** Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo.** Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx.** Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels.** Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern.** Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx.** Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões.** Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante.** Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho.** Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético.** Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx.** Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2011.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085. em

RUTKOSKI, Márcio Moraes. **O Papel das Crises para a Teoria de Marx sobre a Derrocada do Capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Economia). Florianópolis-SC: Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004, Capítulo 4, item 4.1 (Disponível em <https://1library.org/document/yrov09jy-papel-cries-para-teoria-marx-sobre-derrocada-capitalismo.html>).

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>. em

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014. em

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>. em

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosofia)**. Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+ntropol%C3%B3gico>.

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>. em

SITE BRASIL ESCOLA. **Trabalho escravo contemporâneo**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/escravidaos-nos-dias-de-hoje.htm>. em

SITE BING. **Devir**. Disponível em <https://www.bing.com/search?q=devir&cvid=20d4ac9bda814c08968e70a030a5422b&aqs=edge.0.0l8j69i60.1510j0j1&pglt=515&FORM=ANNTA1&PC=LCTS&ntref=1>. em

SITE CONCEITO DE. **Laboriosidade**. Disponível em <https://conceito.de/laboriosidade#:~:text=A%20laboriosidade%20costuma%20ser%20considerada%20como%20um%20valor,detalhes%20e%20tentando%20conseguir%20o%20melhor%20resultado%20poss%C3%AAdvel>. em

SITE CONCEITOS. **Apropriação**. Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>. em

_____. **Matéria**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/mat%C3%A9ria>. em

_____. **Substância**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/subst%C3%A2ncia>. em

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital**. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>. em

SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia**. Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>. em

SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatique.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.

SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível.** Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>. em

SITE EDISCIPLINAS USP. **O capital – Crítica da Economia Política. Capítulo 4. Transformação do dinheiro em capital.** Aula 21. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2249205/mod_resource/content/1/aula-21-marx-o-capital.pdf. em

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”.** Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FC UNESP. **Axiomático.** Disponível em <http://wwwp.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.

SITE FILOSOFIA. **História.** Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE GAZ.WIKI. **Teorizando o valor dos produtos de trabalho.** Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value. em

SITE INFOPEDIA. **Consciência.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia)). em

_____. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).

_____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

_____. **Pensamento.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.

SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggm.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-mezaros-em-para-alem-do-cap/>. em

SITE PORTAL GELEDÉS. **6 multinacionais envolvidas com trabalho escravo e exploração infantil.** Disponível em <https://www.geledes.org.br/6-multinacionais-envolvidas-com-trabalho-escravo-e-exploracao-infantil/>.

SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia.** Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.

SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França.** Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>. em

SITE TIRO DE LETRA. **Filosofia.** Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici-Filosofia.htm>. em

SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **A ideologia alemã.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.

_____. **Alfred Darimon.** Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.

_____. **Anais Franco-Alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%B6cher. em

_____. **Apologética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica>.

_____. **Aristóteles.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.

_____. **A sagrada família.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)). em

_____. **Associação Internacional dos Trabalhadores.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores. em

_____. **Axioma.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.

_____. **Baruch Espinoza.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.

_____. **Bruno Bauer.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.

_____. **Burguesia.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.

_____. **Capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

_____. **Capitalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.

_____. **Capitalismo Industrial.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>. em

-
- _____. **Classe social.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.
- _____. **Cogito ergo sum.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.
- _____. **Comuna de Paris.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.
- _____. **Comunismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%Adica. em
- _____. **Coruja de Atena.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.
- _____. **Democracia direta.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Devir.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Devir>.
- _____. **Dialética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%Adica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%Adica)).
- _____. **Ditadura.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Divisão social do trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%Adico. em
- _____. **Economia Clássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adica. em
- _____. **Economicismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%Adica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%Adica)).
- _____. **Eugen von Bawerk.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em

-
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim da histC3%B3ria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria). em
- _____. **Fiscalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fiscalismo>.
- _____. **Força de trabalho**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a de trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho).
- _____. **Forças produtivas**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as produtivas](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas).
- _____. **Friedrich Engels**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich Engels](https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels).
- _____. **Fuso têxtil**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso \(t%C3%Aaxtil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil)).
- _____. **Gazeta Renana**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische Zeitung](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung).
- _____. **Georg W. F. Hegel**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg Wilhelm Friedrich Hegel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel). em
- _____. **Hegelianismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth**. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Helene Demuth](https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth).
- _____. **Henryk Grossman**. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk Grossman](https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman).
- _____. **História da Moeda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria do comunismo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo). em
- _____. **Humanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo alem%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o).
- _____. **Iluminismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias em Karl Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx). em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura e superestrutura](https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura). em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean-Jacques Rousseau**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean- Jacques Rousseau](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau).
- _____. **Jenny von Westphalen**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny von Westphalen](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen).
- _____. **Jovens hegelianos**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven hegelianos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos).
- _____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx).
- _____. **Karl Kautsky**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl Kautsky](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky).
- _____. **Lei do valor**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei do valor](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor).
- _____. **Libra**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra \(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga dos Comunistas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas).
- _____. **Livre associação de produtores**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o \(comunismo e anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig Feuerbach](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach).
- _____. **Lukács**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy Luk%C3%A1cs](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs).
- _____. **Lumpenproletariat**. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Lumpenproletariat#Etymology>.
- _____. **Luta de classes**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta de classes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes).
- _____. **Mais-trabalho**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.

-
- _____. **Mais-valia (mais-valor)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%Adsica>.
- _____. **Metodologia da Economia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Modo de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Nova Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%Ads_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.

- _____. **Republicanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanismo>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.
- _____. **Revolução Gloriosa**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Rudolf Schlesinger**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlesinger.
- _____. **Segunda Revolução Industrial**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial.
- _____. **Ser**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sobre a questão judaica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica. em
- _____. **Socialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adico>. em
- _____. **Socialismo utópico**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista.
- _____. **Substância**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Táler**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Teoria da revolução permanente**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente.
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado. em
- _____. **Teoria do socialismo em um só país**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u m%20s%C3%B3.pol%C3%Adica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin. e m
- _____. **Teoria do valor-trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.
- _____. **Teoria populacional malthusiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_populacional_malthusiana. em
- _____. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.
- _____. **Thomas Malthus**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Malthus.
- _____. **Trabalho assalariado e capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital. em
- _____. **Unificação da Alemanha**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha. em
- _____. **Valor de troca no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse s%20produtos%20tenha%20sido%20o. em
- _____. **Valor de uso**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos**. São Paulo-SP: Revista Eletrônica Arma da Crítica, N. 04, 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. **Mais-Valia ou Mais-Valor**. Uberlândia-MG: Economia Ensaios (v. 34 nº 2), Instituto de Economia e Relações Internacionais – Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeconomiaensaios/article/view/45288>. Consultado em 13.09.2022

TIBLE, Jean. **Marx contra o Estado**. Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>.

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária**. Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIANA, Nildo. **A teoria da população de Marx**. Goiânia-GO: Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 2, jul/dez 2006, Universidade Federal de Goiás (UFG). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/272856870_A_TEORIA_DA_POPULACAO_EM_MARX.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho**. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx**. Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiRm4ie94TyAhVzFrkGHR_PDI8QFjABegQIDxAD&url=https%3A%2F%2Frevistas.marilia.unesp.br%2Findex.php%2Fnovosrumos%2Farticle%2Fdownload%2F8231%2F5290%2F27567&usg=AOvVaw.

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpm1gdq>.